

JA233

ISSN-0870-1504
0.0233
9 4770870150006

A casa como representação do não desejo

“A terceira nobre verdade: esta é a nobre verdade da cessação do sofrimento: é o desaparecimento e cessação sem deixar vestígios daquele mesmo desejo, o abandono e renúncia a ele, a libertação dele, a independência dele.(...)”¹

“Parágrafo 59: distinguimos três gêneros de instintos: 1) os instintos que podem ser satisfeitos com um esforço mínimo; 2) os que só à custa de grande esforço podem ser satisfeitos; 3) os que não podem ser devidamente satisfeitos, seja qual for o esforço dispendido (...) quantos mais instintos houver no terceiro gênero, mais frequentes serão a frustração e a raiva, engendrando derrotismo, depressão, etc...”²

Alguns na Wikipédia poderemos ler que na base do Budismo está a consciência de que o “desejo” causa inevitavelmente a dor porque o desejo é a amarga consciência daquilo que não se tem e que o ter, mesmo o ter tudo como Buda teve (três palácios, três mulheres, um filho e um cavalo branco), não garante felicidade. Por isso Sidarta Gautama acabou com o desejo e renunciou a qualquer expectativa que não fosse a de procurar uma felicidade interior e autônoma. Buda descobriu a felicidade debaixo de uma figueira na floresta onde decidiu residir como um asceta mergulhado numa espécie de ataraxia.

Unabomber (Theodore Kaczynski) entrou em Harvard aos dezasseis anos, tinha mestrado e doutoramento na área da matemática e ensinava na reputada Universidade de Berkeley da Califórnia. Abandonou a família e a carreira académica e decidiu ir viver como um eremita numa floresta do Montana. Mas, ao contrário de Sidarta, neste local só encontrou a frustração e a raiva porque a felicidade de Unabomber estava dependente de um exterior que o ignorava até que começou a enviar cartas-bomba.

O que nos interessa, na revolta ingénua de Unabomber ou na ataraxia sábia de Sidarta Gautama é que nestes



Todas as imagens
autoria de Richard Barnes
www.richardbarnes.net

série Unabomber

série Refuge

1
Terceira Verdade da doutrina budista.

2
FC (Unabomber). *O Futuro da Sociedade Industrial*. Lisboa: Fenda Edições, 1997, p. 81.

3
Não é exactamente este o posicionamento de Godofredo Pereira, mas sobre o tema da ecologia radical aconselha-se o artigo "Da Sustentabilidade à Ecologia Radical" in Revista Detritos #2, Dezembro, 2008, p. 24-34.

4
Mark Wigley, "Cabin Fever" in *Perspecta* #30, 1999.

5
Filme mais ou menos conseguido de Sean Penn.

6
A cabana de Unabomber pode ser visitada no museu Newseum em Washington DC.

7
Ver: www.richardbarnes.net

opostos existe uma vontade comum de abdicar de uma existência materialista que se exprime, entre outras coisas, na renúncia ao conforto do lar e, de certo modo, na renúncia de um sentido formal de casa. Numa época em que a casa continua a ser o desejo número um que mais endivida a sociedade ocidental, numa época em que as palavras "sustentabilidade" e "ambiente" são gastas de modo indiferenciado, o radicalismo ecológico³ de dizer "basta" e voltar atrás, a procurar na natureza a morada e o sentido, não só é tentador como parece teoricamente coerente.

(desejava não desejar nada)

Unabomber não foi exactamente viver para debaixo de uma árvore no clima temperado da Índia. Habitou, até ser preso, uma cabana de madeira, com uma única divisão, sem água nem electricidade. Esta expressão mínima de conforto, uma penitência auto infringida, foi como que "recompensada" pelo arquétipo da forma de casa com telhado de duas águas o que não deixa de provocar uma certa contradição: Unabomber renuncia ao lar mas, no entanto, não se consegue desfazer da imagem de casa. Por momentos a arquitectura, mesmo a arquitectura mais precária e banal parece impor-se para lá da ideologia e do desejo do não desejo, Unabomber parece ceder perante argumentos de ordem pragmática que o levam, afinal, a edificar um abrigo ou, eventualmente, um esconderijo. Neste sentido, inquieto-nos pensar como é que algo simultaneamente tão escasso e de desenho tão simples consiga, pela força do nosso imaginário, impor-se tão violentamente.

Deveremos reconhecer que isto nunca foi intencional. Esta casa não "representa", isto é, nunca reivindicou visibilidade, não é manifesto nem desejo e não teria qualquer dimensão pública até ao dia em que Theodore Kaczynski foi preso.

Era a mera expressão do possível, dos "instintos que podem ser satisfeitos com um esforço mínimo".

Quando esta "casa" é retirada do sítio e levada pelo FBI como prova a tribunal (Mark Wigley fala-nos disso em "Cabin Fever"⁴) o fotógrafo Richard Barnes faz quatro imagens dos alçados da mesma sobre um fundo totalmente preto. A casa torna-se um objecto isolado, o arquétipo é realçado, e tal como na fotografia dos Becher a forma parece prevalecer sobre tudo o resto. Ao centrar toda a atenção na casa em si, reitera-se uma subjectividade difícil de ser associada a crimes hediondos. O que é certo é que, aquela casa, torna-se uma qualquer outra casa num processo de abstracção semelhante ao trabalho produzido pelo artista Thomas Demand. Consequentemente, numa sociedade tomada pelo medo, todo a edificação banal que nos rodeia transforma-se num potencial cenário de crime e é esta proximidade que nos desassossega – a possibilidade acrescida de nos tornarmos testemunhas, vítimas ou cúmplices do terror porvir. Sabemos que há uma natureza má latente em cada um de nós e que esta abstracção da casa sem floresta, ao generalizar o lugar do crime, adquire uma dimensão social que não poderia ser melhor ilustrada com o próprio arquétipo de casa.

Seria mais fácil aceitar a violência de Unabomber se a casa se mantivesse na floresta, isto é, se seu lugar fosse entendido a partir de uma especificidade qualquer que contribuísse para compreensão de uma razão. Seria mais fácil aceitar que a sua única morada, cúmplice inequívoca da sua ausência de desejo, seria a floresta, a natureza rude e desumana, a mesma natureza que matou o idiota do Christopher McCandless no filme *Into the Wild*⁵. Para depois aceitar todos os outros idiotas (os de Lars von Trier, por exemplo) e compreender que, hoje, a única revolta que parece possível é implosiva (como com o

Buda) e não explosiva e que o desejo terá de ser interior e o outro reprimido. Aqui dividimo-nos entre os que pensam que isto é pouco e os que pensam que isto é muito.

A cabana de Unabomber tornou-se num objecto exposto em museu⁶, tornou-se imagem, contra a vontade do seu proprietário. Abrimos a caixa de Pandora. Procuramos ver culpabilidade e culpa na arquitectura como quem procurava no dimensionamento do crânio um perfil criminoso. Por aqui somos todos culpados. No *site* de Richard Barnes⁷ podemos ver uma outra série de fotografias intituladas "refúgio" sobre ninhos de pássaro, mais uma vez fotografados fora do seu contexto natural e sobre fundo preto. Imagens da suposta encomenda museológica que exibem a ânsia de uma catalogação arquivística. Herança positivista, esta técnica de representação dos objectos isolados não deixará de proporcionar uma metáfora para uma compreensão teórica de Unabomber mas também do mundo e ser, paradoxalmente, a recusa selectiva de toda a sua complexidade.

Unabomber foi preso e condenado a pena perpétua. Habitará para sempre uma cela do tamanho da sua cabana no Montana. E não sendo budista, independentemente do esforço dispendido, nunca satisfará os seus desejos. Tudo continuará na mesma. É mesmo melhor que acredite no desejo do não desejo, porque só assim encontrará a sua felicidade e lar (nas mesmas quatro paredes).